

“À maneira de um palimpsesto” – os diários de Virginia Woolf: uma entrevista com Ana Carolina Mesquita

Ana Carolina Mesquita (USP)

Entrevistadores:

Márcia Cristina Fráguas (UERJ/CAPES)
Vinícius Rangel Bertho da Silva (PUC-SP)

Neste dossiê que trata de escritos de artistas, a *Palimpsesto* – revista discente do Programa de Pós-graduação em Letras da UERJ – teve a oportunidade de entrevistar a professora, tradutora e escritora Ana Carolina Mesquita. Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), é docente da Faculdade Santa Marcelina (FASM) e membro do KEW (Kyklos de Estudos Woolfianos) e da IVWS (International Virginia Woolf Society). Sua experiência com a tradução e as análises dos diários da escritora inglesa Virginia Woolf lhe credenciam como uma voz importante não apenas no campo dos estudos literários, mas também nos estudos de tradução. Não menos importante, vale ressaltar que Mesquita também tem realizado traduções de contos e ensaios de Woolf publicados de maneira independente pela Editora Nós, dentre os quais destacamos *Mrs. Dalloway em Bond Street* (2022), *Pensamentos de paz durante um ataque aéreo* (2021) e *Um Esboço do Passado* (2020) – um dos últimos textos publicados pela autora em vida.

Desde 2021, os leitores e especialistas da obra de Woolf tem sido brindados com edições requintadas dos seus *Diários* feitas pela Nós. O primeiro volume compreende a escrita empreendida entre os anos de 1915 e 1918, período no qual Virginia publicou seu primeiro romance (*A Viagem*, 1915) e estava prestes a publicar o segundo (*Noite e Dia*, 1919). O segundo volume (2022), por sua vez, concentra o que foi escrito entre 1919 e 1923, período no qual ela publicou *O Quarto de Jacob* (1922), uma de suas obras mais importantes. O terceiro volume veio a público em 2023 e consiste no período de maturidade artística da escritora – 1924 a 1930. As edições brasileiras dos *Diários* têm sido publicadas anualmente, por isso, há uma expectativa da publicação do que foi anotado por Virginia Woolf em seus escritos íntimos entre os anos de 1931 e 1941, ano de sua morte.

Nesta entrevista, concedida virtualmente a Márcia Cristina Fráguas e Vinícius Rangel Bertho da Silva (organizadores deste número da *Palimpsesto*), Ana Carolina Mesquita relata como tem sido a experiência da tradução dos diários de Virginia Woolf, além da importância do *diário como gênero* para a vida e a obra da autora de *As Ondas*, visto que foi por meio desse tipo de escrita que Woolf se consagrou como uma das maiores mulheres e artistas de seu tempo. Graças ao consistente trabalho de pesquisa de Mesquita, os leitores poderão compreender a importância de Leonard Woolf, Quentin Bell, Anne Olivier Bell e Andrew McNeille no processo de tornar os *Diários* acessíveis aos leitores.

PALIMPSESTO

1) Depois de décadas, os leitores de Virginia Woolf passaram a ter acesso a uma nova tradução dos *Diários*. Como surgiu a iniciativa de pesquisar os diários durante o seu Doutorado e de traduzir os cinco volumes dos diários de Virginia para o português em parceria com a Editora Nós?

ANA CAROLINA MESQUITA

O diário de Virginia Woolf nunca havia sido traduzido integralmente para o português antes da minha tradução. O que tínhamos eram trechos ou tradução de entradas selecionadas, e estas oferecidas por vezes cortadas, ou seja, não em sua integralidade (é o caso da edição portuguesa da Bertrand). Não ficava claro o critério que levava os tradutores organizadores a escolherem determinadas entradas e excluírem outras. Ao contrário do critério de Leonard Woolf ao publicar a primeira edição do diário de Virginia, em 1953: já no prefácio ele indica que excluiria tudo o que não dissesse respeito à escrita dela, o que o levou a cortar praticamente tudo... Ele inclusive chama a sua edição de *A Writer's Diary*, algo bastante coerente com sua escolha editorial. Podemos não gostar dela, ter nossas críticas, mas existe um projeto ali, coisa que não acontecia com as edições disponíveis do diário de Virginia em português. Recentemente vimos isso acontecer mais uma vez, com a edição da Rocco. A seleção das entradas parece se dar nesses casos menos por critérios e mais por uma espécie de gosto pessoal.

Meu intuito ao realizar a tradução do diário foi justamente disponibilizá-lo em sua íntegra, uma vez que o diário de Virginia possui diversas particularidades que só se percebem quando o lemos em longos trechos de tempo (anos seguidos, por exemplo). Então é possível vermos um arco de mudança da autora, tanto como escritora quanto como pessoa. Porém existe também, principalmente a partir de 1919, um projeto para seu diário, que ela estabelece textualmente – e é o mesmo projeto que ela estabelecerá pouco depois para si mesma como escritora de romances e contos. Tal projeto, no entanto, só pode ser vislumbrado na materialidade do texto quando lemos o diário em longos trechos contínuos. Tive sorte de ter encontrado uma editora que encampasse a empreitada, pois é dispendioso publicar traduções tão extensas e com esse nível de cuidado, mas, acima de tudo, tive sorte de encontrar uma editora tão apaixonada e inteligente como a Simone Paulino. Uma obra publicada é sempre fruto de diálogo: aqui não foi diferente, a tradução finalmente pôde ser debatida e se alterou bastante do doutorado para a versão em livro.

Outro motivo que me levou ao diário foi o fato de ele, de muitas maneiras, poder ser considerado a grande obra modernista de Virginia, no sentido de que de fato engloba o ínfimo e o magistral lado a lado, sem hierarquias; de que é uma obra antes de tudo preocupada com o tempo e como representá-lo; de que se centra em modos de representação do real tal como percebidos também pelos movimentos da interioridade dos narradores e não apenas com as exterioridades dos acontecimentos, levando uns a repercutirem nas outras; de que isso tudo se reflete nos recursos de linguagem e de forma que são empregados. Virginia fez de seu diário um grande campo de testes para outras obras, mas, acima de tudo, fez dele uma obra magistral em si nesse sentido.

PALIMPSESTO

2) O período em que Virginia e Leonard Woolf viveram em 52 Tavistock Square (1924-1939) é assinalado na sua pesquisa de Doutorado como um dos períodos mais importantes da vida e obra do casal Woolf. Por quê?

ANA CAROLINA MESQUITA

Foi nesse período que Virginia publicou e escreveu as obras que a tornaram mais conhecida, como *Mrs. Dalloway*, *O Leitor Comum*, *Ao Farol*, *Orlando*, *Um Teto Todo*

Seu, As Ondas, Os Anos. Também foi nesse período que o casal de fato fez florescer sua editora, a Hogarth Press, publicando autores e autoras que de outro modo talvez não encontrassem vazão no mercado. Acima de tudo, a Hogarth permitiu que Virginia tivesse controle dos seus próprios livros, sem fazer concessões para ser publicada – um raro privilégio, ainda mais considerando uma autora cujo texto apresentava tantas particularidades que poderiam ter sido solapadas.

PALIMPSESTO

3) Lendo seu trabalho, um trecho de *A Room of One's Own* nos veio à cabeça, pensando aqui sobre a tensão entre literário e o dito “factual” nos diários de Virginia Woolf: *“Fiction here is likely to contain more truth than fact”* (Woolf, 2015, s/p.) No seu trabalho, você aponta que os diários, por seu caráter confessional ou factual, tendem a ser vistos como “um terreno de transparência”. Por isso, em troca desse suposto privilégio de “dizer a verdade” há uma tendência a apartá-los da literatura ou da ficção, utilizando-os como suporte que auxilia na leitura das outras obras. Já para Quentin Bell, um dos biógrafos de Virginia, os diários podem ser lidos como uma “grande obra em si”. Como foi para você em sua pesquisa, realizar esse salto até a formulação do conceito de “forma-cruzamento” que você aplica aos diários de Virginia Woolf?

ANA CAROLINA MESQUITA

Parece ter sido um salto, mas na realidade foi uma constatação advinda lentamente e ao longo do tempo de contato com o diário de Virginia e de muita reflexão a respeito de diários enquanto gênero, em especial de diários de escritores. O que ficava patente eram os inúmeros sinais de elaboração textual com que, em seus diários, os escritores tentaram passar uma rasteira nesse suposto “regime da sinceridade” (com todos os valores que vêm a reboque com ele: espontaneidade, transparência, verdade), em especial a partir do século XX. Talvez os mais interessantes sejam exatamente aqueles que, com maior ênfase, recusaram-se a aceitar o procedimento que vincula o diário à vida e o desvincula da literatura – entendendo-os como uma via dupla entre a construção deliberada e o real. Ernst Jünger reescreveu seu diário antes de publicá-lo. Lúcio Cardoso preparou parte de seu diário para edição, e só não concluiu o restante porque foi impedido, por um

derrame cerebral. Katherine Mansfield escrevia distintas versões de uma mesma anotação, às vezes na mesma página. À maneira de um palimpsesto, Woolf ocasionalmente colava passagens reescritas, elaboradas tempos depois, sobre as originais – e relia suas passagens e as comentava em termos de estrutura de texto. Diante de constatações como essas, a forma tradicional de analisar diários aos poucos vai caindo por terra. Os novos rumos da crítica passaram a incluir perspectivas diferentes sobre as chamadas escritas de si e suas interseções com outros gêneros, questionando e desafiando cada vez mais os limites do que comumente se enxerga como literário.

No caso de Virginia Woolf, o diário se transforma em um *hub*: é atravessado por suas outras obras e as atravessa. Daí eu o ter chamado de uma forma-cruzamento, em que não só as obras se entrecruzam, mas os gêneros também. Há em toda a obra de Woolf um questionamento quanto aos gêneros, e seu diário também participa disso – ou melhor, talvez seja uma de suas obras que mais traz esse aspecto a foro. Ele não é um documento. Ou antes: pode ser *também* um documento, mas eu diria que isso está em segundo plano, uma vez que ele é pensado literariamente, com um pensamento objetivo literário, com marcas literárias bastante claras alinhadas ao modernismo.

PALIMPSESTO

4) Woolf era uma leitora ávida de diários na sua juventude. Dentre as formas de escrita que ela dominava, a narrativa confessional tinha um grande valor no seu dia a dia. Por que os diários auxiliaram VW a se constituir como artista e mulher de seu tempo? De que modo ela vai se afastando de uma tradição vitoriana e transformando seus diários numa obra modernista?

ANA CAROLINA MESQUITA

Virginia Woolf não foi uma leitora ávida de diários apenas em sua juventude, mas ao longo de toda a vida, e diários não são necessariamente confessionais – muito menos no caso de diários de escritores, os que especialmente a agradavam justamente pelo seu trabalho de literariedade e recriação do real.

Acredito que os diários levaram Woolf a se constituir como uma artista e mulher de seu tempo por permitirem um espaço de criação livre e, ao mesmo tempo, de reflexão.

É preciso lembrar que ela relia seus diários periodicamente e que retomava temas, formas, texturas e considerações. Vale enfatizar o que isso significa: significa que ela não era apenas escritora de seus diários, mas uma grande e constante leitora deles.

PALIMPSESTO

5) A segunda parte de sua tese foi a tradução integral e comentada do Diário de Tavistock, na qual você afirma que compreende no próprio ato tradutório uma aproximação com o ato crítico. Poderia nos falar mais sobre essa aproximação entre tradução e crítica literária?

ANA CAROLINA MESQUITA

Eu gosto de pensar com Derrida nesse ponto, de que a tradução (ao menos a literária) não se faz em termos de pensar em uma flecha que acerta o alvo. Aqui eu relembro um relato de um poeta, não lembro o nome, que recebeu o telefonema de um tradutor que estava vertendo seu poema para o inglês. Ele leu para o poeta sua tradução, e num determinado verso o poeta falava em um “alvo”. Na concepção do poeta, ele estava falando em alvo enquanto aquilo que se atinge. Mas o tradutor tinha interpretado como “branco”. O poeta gostou tanto que quis que ele deixasse assim no inglês, e então os poemas, emparelhados, se viram agora desdobrados em muitos sentidos.

Ou seja, eu penso essa questão em termos da filosofia da tradução, e não em estudos da tradução propriamente. No que significa traduzir. Desse ponto de vista, traduzir é já criticar. Pois não coloca a comunicação acima da matéria da linguagem, da palavra, da natureza do intercâmbio, mas, como diz Barbara Cassin, “complica o universal”. Benjamin diz que “tradução é forma”.

Em literatura não se traduzem palavras, mas intenções, implicações, aquilo que fica por dizer e que, no entanto, também perdura nas dobras do texto. Traduzir é interpretar, tal como escrever, tal como exercitar a crítica. É a leitura mais próxima que se pode fazer, mais íntima, como aponta Gayatri Spivak, que a compara a uma relação sexual. O ponto de vista do tradutor transparece nas escolhas feitas, nos caminhos tomados ou naqueles que, ao contrário, são ignorados, tal como faz um crítico ao trilhar as voltas propostas pelo texto. No entanto, há uma diferença: o crítico pode apenas

percorrer as voltas e comentá-las, falar sobre suas belezas e dificuldades. Já o tradutor é sempre exigido a dar uma solução aos problemas que ele mesmo aponta.

PALIMPSESTO

6) Ao lado de Leonard Woolf, Anne Olivier Bell (esposa de Quentin Bell, sobrinho de Virginia) foi uma das responsáveis pela publicação dos diários de Virginia ao longo dos anos. Você poderia especificar a importância do papel dela nesse processo?

ANA CAROLINA MESQUITA

Anne Olivier Bell, com a ajuda de Andrew McNeille, dedicou muitos anos a editar os diários integrais de Woolf (ou quase, como se verificou) e fez um trabalho minucioso, indo atrás das lacunas históricas, dos acontecimentos que ficam apenas sugeridos pela autora, de corrigir os equívocos de Woolf em termos de fatos e datas. Ela organiza os diários, lhes dá forma, torna-os compreensíveis para nós, de muitas maneiras. (Uma delas decifrando a caligrafia de Virginia, por vezes, difícil de entender.) É graças ao trabalho dela que pudemos ter noção da monumentalidade dessa obra e de sua significância.

REFERÊNCIAS

WOOLF, Virginia. *A Room of One's Own and Three Guineas*. Oxford: University press, 2015. Edição eletrônica.

Ana Carolina Mesquita: Tradutora e escritora, é, também, doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), além de docente da Faculdade Santa Marcelina (FASM). É, ainda, membro do KEW (Kyklos de Estudos Woolfianos) e da IVWS (International Woolf Society). Seu doutorado incluiu a tradução e análise dos diários de Virginia Woolf, que vêm sendo publicados desde 2021 pela Editora Nós. E-mail: carol.mesquita@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8498-5457>.

Márcia Cristina Fráguas: Bacharela e licenciada em História pela Universidade de São Paulo (2016). Mestra em Literatura Brasileira (2021) pela Universidade de São Paulo com a dissertação “It's a long way: poética do exílio na obra de Caetano Veloso (1969-1972)”. Graduada em Psicologia pela Universidade do Estado de Minas Gerais (2002), com especialização lato-sensu em Cinema pela PUC-MG (2004). Trabalha com crítica e ensaio, tendo colaborado com diversas publicações, dentre elas *Revista Opiniões* (USP), da qual fez parte do corpo editorial, *Contrapulso Revista Latino-americana de estudos de música popular*, para a qual editou o Dossiê “Discos do Exílio” com os pesquisadores Rodrigo Pezzonia e Sheyla Diniz, entre outras. Atualmente é doutoranda em Teoria da Literatura e Literatura Comparada na UERJ, contando com uma bolsa de estudos concedida pela CAPES. E-mail: mcfraguas@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0487-260X>.

Vinícius Rangel Bertho da Silva: Doutorando pelo programa de Literatura e Crítica Literária pela PUC-SP, mestre em Literatura Brasileira e Teorias da Literatura pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e especialista nas áreas de Jornalismo Cultural, Educação e Linguística Aplicada. É licenciado em Letras (Português/Inglês) pela Universidade Estácio de Sá (UNESA). É professor da Educação Básica há mais de 20 anos, com atuação em escolas regulares e institutos de idiomas. Desde 2017, é professor efetivo da Rede Municipal de Educação (RME-SP) e autor do livro *O doce & o amargo do Secos & Molhados* (Ed. Terceira Margem, 2015). E-mail: vinnieprof@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2635-1215>.